

L.: Aluno homem! Será que foi o... foram dois, né, na época que eu tive. Foi o... [estalo de língua] aquele que foi pra Pira... pra, pra, pra Barreiras?

E.: Joaquim!

L.: Foi o Joaquim (...) o Irineu também. Acho que o Irineu também fez.

E.: Também fez. O Irineu foi anterior.

L.: Foi! Do Joaquim. Foram, eram os dois...

E.: ...o Irineu formou aqui?

L.: Formou.

E.: Ah, tá!

L.: O Irineu da medicina, formou aqui. Seu Henrique também era da medi... seu Henrique era do DA.

V.: Seu Henrique foi o primeiro que a gente tem registro.

L.: É. É. Tá? O Irineu, o, o, o Joaquim, né?

V.: Um tal de Antônio Ávila, parece não?

L.: Não. Antônio Ávila! Eu chegou a for... ele entrou?

V.: Não, eles entraram com mandato de segurança. O Joaquim entrou e formou, mais tarde né?

E.: Bem mais tarde.

V.: Setenta e cinco que o Antô...

E.: ...o Joaquim...

L.: ...o Joaquim, o Joaquim

E.: ...formou em setenta e cinco...

L.: ...mas o Joaquim foi, o Joaquim foi quase jubilado, não foi não?

E.: Foi. Ele entrou parece, a história que eu sei, que ele entrou com vários mandatos de segurança, não sei porquê motivos. Ele formou na minha turma.

L.: Foi.

E.: Em setenta... em julho de setenta e cinco.

L.: O, a, a dificuldade, era dificuldade mesmo de... ele tinha muita dificuldade.

E.: É, mas eu sabia que [inaudível]...

L.: ...dificuldade de estudo...

V.: ...dificuldade intelectual ou dificuldade de...

L.: ...intelectual...

V.: ...da escola, por ser homem?

L.: Não, intelectual mesmo.

E.: Eu sei que ele entrou com alguns mandatos...

L.: ...eu sei que ele foi aluno...

E.: ...mas não sei quais foram e os motivos.

L.: É de dificuldade intelectual mesmo, né? Você lembra, né? Mas era muito mesmo. [riso]

V.: Luzia, na época de sessenta e seis teve um roubo aqui na escola, você teve notícia?

L.: Teve o quê?

V.: Um roubo. A escola foi arrombada, ou tentativa de assalto...?

L.: Sessenta e seis?

V.: É. Não... passou despercebido?

L.: (...) Não, não lembro.

V.: De participação de alunos em congresso brasileiro de enfermagem, você tem alguma informação nesse período? [barulho de telefone tocando e vozes gritando no fundo]

L.: (...) Não, eles participavam, uai!

V.: Nada assim de especial que você se lembre?

L.: Não. (...)

V.: Da construção da escola alguma coisa em especial?

L.: (...) Da construção da escola?

V.: É. Da luta pela construção, da...

L.: ...é aquela história tem, estou conseguindo verba. Um processo burocrático normal, né, igual o de todos.

V.: Hum-hum.

L.: Nada de...

V.: Depois de setenta aí você falou da sua atividade enquanto docente até setenta...

L.: ...agora a escola perdeu muito, né?

V.: Com quê?

L.: A escola perdeu, ela perdeu, perdeu espaço daqui de trás, o lote daqui de trás. Ela perdeu muita coisa.

V.: A espa... área física?

L.: Área física.

V.: Pra onde que foi, o quê que aconteceu com essa, com esse espaço que é agora o Hemominas?

L.: Ele foi negociado... ele era da, da universidade, da medicina, né? Da medicina e eles iam fazer o ambulatório aqui da medicina, depois eu não sei como que foi a negociação da universidade com o estado, como é que ficou, sabe?

V.: E a...

L.: Pode ser até que te... eu não sei, pode ser que tenha alguma negociação em relação ao [Ambulatório] Bias [Fortes], sabe?

E.: Porque o Bias não é da, da, da...

L.: ...o Bias era do estado.

E.: Ah! Tá!

L.: Era da Secretária da Saúde.

E.: Hum-hum. Mais alguma coisa que você esteja lembrando...?

L.: Sobre o quê?

V.: De sessenta até esse, essa...

E.: ...não esse período seu enquanto professora, até sessenta e oito.

L.: Ah, teria que estruturar... podia parar um pouquinho?

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: Então voltando, a sua experiência de docente nesse período até sessenta e oito...?

L.: Ahn-ahn!

V.: Odilon Bherens, Escola de Enfermagem?

L.: Tá. Então, den... aquilo que tinha colocado, que eu coloquei anteriormente: te... no momento do curso de, de, de, de Enfermagem em Saúde Pública, do quarto ano, né, em que nós tínhamos o curso e que ele durante dois anos os alunos faziam estágio, todos os alunos faziam estágio em Enfermagem em Saúde Pública. Depois nós já reformulamos esse curso. E, esses alunos e eu continuávamos trabalhando no Odilon Bherens, num horário, né, pela escola num horário, no horário da manhã e à tarde o, o curso funcionava no horário da tarde. E na tarde eu continuava com as minhas atividades docentes, né? Enquanto, na Enfermagem em Saúde Pública, agora como as turmas eram maiores, eram turmas, como eu havia falado anteriormente, que eram turmas de, de trinta alunos, vinte e oito, trinta alunos, eles faziam uma opção. Então, a gente tinha três ou quatro áreas de Enfermagem em Saúde Pública, Enfermagem Psiquiátrica, Médico-Cirúrgica. Então a Médico-Cirúrgica ia para o Odilon Bherens. A Enfermagem Psiquiátrica ia para os hospitais psiquiátricos do, do estado. E

Enfermagem em Saúde Pública que nós passamos então, [gagueira] tinha grupos reduzidos, então esse, e a gente concentrava essa enfermagem em Saúde Pública em um estágio de um mês, então nós fomos duas vezes para o Rio de Janeiro.

V.: São Paulo também?

L.: São Paulo não chegamos a ir não. Foi para o Rio de Janeiro, tá. Então, desse aí, desse aí deve ter dado dois, quatro anos. Sessenta e seis, setenta mais ou menos a gente estava por volta de setenta. Então, o estágio se dava dessa maneira. Já depois, depois de nós irmos dois anos para o Rio de Janeiro nós passamos a fazer os estágios de Enfermagem de Saúde Pública no Centro de Saúde de Belo Horizonte. E interessante que esses alunos eles faziam o curso a tarde e de manhã eles eram estagiários do, eles eram bolsistas do Hospital Odilon Bherens.

V.: Enquanto estágio extracurricular.

L.: Extracurricular. Mas na verdade eles já eram até enfermeiros porque eles estavam fazendo o quarto ano.

V.: Ah, sim!

E.: Ahn-ahn.

L.: Então eles eram enfermeiros já, aquilo que você me perguntado antes, se eles trabalhavam enquanto enfermeiros, sim porque eles já eram graduados em Enfermagem, em Enfermagem Geral.

V.: Semelhante à experiência da habilitação posteriormente?

L.: Isso. Posteriormente. Então, na verdade toda, toda essa nossa experiência ela veio consolidar depois pra, na reforma, na reforma curricular. Aí nós passamos pela reforma curricular em setenta e dois e que o quarto ano deixou de existir e que nós volta... nós tínhamos Enfermagem em Saúde Pública no quinto período e no oitavo período. Né?

V.: Esse quarto ano deixou de ser opcional e voltou a fazer parte do currículo normal?

L.: Voltou a fazer parte do currículo normal. Como, a coisa mais interessante, foi o seguinte: como nesse período nós íamos demorar dois anos ou dois semestres a voltar a ter aluno no oitavo período, né? Então, durante esse período eu fui ajudar na Enfermagem Cirúrgica, que aqui na escola onde precisava a gente ia ajudar. Então na verdade a gente tinha uma especialidade, tinha uma atuação mas, precisava de gente na Enfermagem Cirúrgica e eu fui ajudar na Enfermagem Cirúrgica. E eu acompanhei alunos no Hospital das Clínicas e no Hospital São Francisco, durante um semestre ou dois semestres.

V.: Como?

L.: ...na Enfermagem...

V.: ...na Enfermagem Cirúrgica mas...

L.: ...do outro departamento.

V.: Do outro departamento. Mas enquanto, recebendo aluno do novo currículo?

L.: É, do novo currículo.

V.: E nessa mudança...

L.: ...que esse, que depois esse aluno ele chegaria pra mim enquanto na Enfermagem em Saúde Pública.

V.: Lá, lá trás, lá na frente como habilitação.

L.: Agora a coisa mais interessante, o quê que aconteceu, durante esse período, o quê que aconteceu, era nesse período de transição que os professores não tinham disciplinas e que eles aproveitaram pra poder fazer os cursos fora. Porque a escola não tinha uma política de pós-graduação. Então, elas, elas aproveitavam essa oportunidade que estava sem disciplina, que era assim: "Agora como que você vai fazer. Você não tem disciplina nenhuma para dar?" Então, a gente tinha que batalhar fora, conseguir vaga é, é, é ver que curso a gente poderia fazer fora e a gente procurar esse, esse momento pra poder aperfeiçoar. E foi nu... nessa situação que Marília e... em setenta e um Marília e Rizoneide foram pra São Paulo fazer o curso de Saúde Pública na Faculdade de Saúde Pública.

V.: De especialização?

L.: De especialização. Porque elas, elas eram professoras da Enfermagem Médica. E a Enfermagem Médica não tinha, ficou sem aluno primeiro que a Enfermagem em Saúde Pública. Então eu não tinha condição de ir antes delas, porque eu tinha alunos na Enfermagem em Saúde Pública.

V.: Elas foram fazer especialização...

L.: ...foi fazer especialização...

V.: ...ou no caso da Marilda, Marília mestrado?

L.: Não. Foi fazer especialização. Elas foram fazer especialização. Elas foram fazer o curso em setenta e um. E fizeram em setenta e um especialização. Mari... Rizoneide voltou em setenta e dois Ma... aí Marília conti... ficou pra fazer mestrado. Tá? Marília ficou pra fazer mestrado. E aí foi em setenta e três que eu tive oportunidade por não ter... que eu tive oportunidade de ir pra São Paulo pra fazer o curso de especialização. Porque aí eu não tinha mais aluno. Porque eu estava com aluno do oitavo período dando Enfermagem em Saúde Pública, né? E como nós dentro dessa, dessa experiência [gagueira] a gente ficava com aluno ou aqui e nesse período também surge a questão dos campos avançado, da universidade junto

ao campus avançado e tinha uma pressão muito grande da universidade pra, para as unidades da saúde em assumir o campus avançado que é em Barreiras, não é? Que no período de férias, então a escola que fez, a escola via CENEX e através do, via o, o, o CENEX [Centro de Extensão], do CENEX da escola. Eu fui a primeira coordenadora do CENEX daqui, primeira não, a segunda, a Terezinha Cardoso foi a primeira; ficou acho que seis meses e eu assumi o CENEX depois.

V.: Ainda em setenta e dois então?

L.: Não!

E.: Não, mais na frente.

V.: Mais tarde?

L.: Não, mais na frente. Deve ser quando? Sessenta e quatro. Setenta e três eu acho. Seten... quando eu voltei...

V.: CENEX foi criado em setenta e dois.

L.: Setenta e dois. Foi setenta e dois. Setenta e três eu fui pra São Paulo. Aí que eu fui pra São Paulo fazer o curso de especialização em São Paulo, né? Em setenta e três... você formou em que ano Estelina?

E.: Setenta e cinco. Julho de setenta e cinco...

L.: Então foi, setenta e...quatro. Quando eu voltei aí foi que eu assumi o CENEX, setenta e quatro. Setenta e cinco, tá? Aí nós tínhamos, nesse período nós tínhamos alu... tínhamos ainda o quarto ano, aí, não, aí que nós passamos a receber alunos do quarto ano, do oitavo período com a Enfermagem em Saúde Pública, né? Passamos a receber e tinha várias opções, a gente continuava, a gente tinha alunos, a turma, as turmas eram grandes, eram turmas de trinta e poucos, também, quarenta, né?

E.: A minha foi pequena. A minha eram, nós éramos só quinze.

L.: Quinze. Mas tinha turmas grandes.

E.: Tinha

L.: Tinha turmas grandes também. Tinha turmas grandes. Então, a gente tinha opção também, aqueles alunos que [gagueira] poderiam ficar em Belo Horizonte, ou então nós fomos duas vezes para o campus avançado em Barreiras, sabe? Através da escola.

V.: Como que era essa experiência lá?

L.: Ah, essa experiência, aí nós che... nós che...

E.: A primeira experiência foi em setenta e cinco com a minha turma?

L.: Eu não lembro se é a primeira.

E.: Ou a minha foi a segunda? É foi...

L.: Primeira. A sua foi a primeira, eu acho.

E.: É. Eu acho que teve a minha depois acho, não sei...

L.: ...teve a da Glorinha [Maria da Glória Lafeté]...

E.: ...se foi a da Matilde [Meire Miranda], da Glorinha.²⁰

L.: É, foi! É, a, a, então, a gente, a gente tava buscando dentro, dentro dessa linha, a gente queria o mais possível colocar os alunos em contato com a realidade de saúde, né? Porque o, o, a formação do enfermeiro sempre foi voltada pra, pra área hospitalar, né? E dentro da escola, sempre o currículo da escola, ele foi sempre voltado pra área hospitalar. O forte dessa escola, era voltado pra área hospitalar. E na verdade a gente tinha um grupo que tentava também mostrar o outro lado, né? E, e esse grupo ele era marginal em relação à escola, né? Marginal que eu falo é no sentido assim: de quê a força política toda da escola era voltada pra área hospitalar. Então, na, na disputa por carga horária nas reformas curriculares era uma disputa muito grande por carga horária. As disputas por carga horária sempre pesava mais a área hospitalar, sabe? E, então, nesse período, aí nós ficamos levando, acho que foi du... duas turmas que foram pra Barreiras e aí volta já, aí já volta Marília e Rizoneide do Rio de Janeiro e incorpora a Enfermagem em Saúde Pública. A, a Rizoneide foi pra Doenças Transmissíveis e Marília incorpora Enfermagem em Saúde Pública e fica no, no e pega disciplina do quinto período. Que foi Saúde da Comunidade, né? Marília fica nessa disciplina e a gente continua trabalhando pra poder reestruturar a, a, a Habilitação Enfermagem em Saúde Pública.

E.: Quando Marília estava pra São Paulo quem deu foi Dôra [Maria Auxiliadora Córdova Christófaro].

L.: Foi, aí Dôra, Dôra já tinha feito concurso e ela, aí... Ah! Outra história. [gagueira] Nessa históri... quem deu foi Dora porque assim: nós conseguimos porque eram duas professoras na escola era Carmelita e eu, aí nós tínhamos conseguido, aí nós conseguimos abrir mais uma vaga, conseguimos uma vaga, que consegui u uma vaga pra, pra, pra Enfermagem em Saúde Pública e era uma vaga e foram duas, duas pessoas. Ge... nós tínhamos uma professora contratada pra Enfermagem em Saúde Pública, também, que era a, a [Maria] Girlene [Martins]. Ela também deu aula nesse período. Mas quando conseguimos uma vaga, que foi com muita dificuldade que nós conseguimos uma vaga pra Enfermagem em Saúde Pública, Marília, Dôra fez concurso, fez concurso Dôra e, e Girlene. E Dôra que foi aprovada, em primeiro lugar. Então, Dôra entrou. Aí Dôra assumiu a, a, a, a Saúde da Comunidade, né?

²⁰ Formadas em dezembro de 1976

V.: Teve problema a entrada da Dôra na escola apesar do problema dela no período da revolução [ditadura militar de 1964]

L.: Não. Só reforçava, né, a marginalidade do grupo, né? [risos]

V.: Mas ainda bem que ela entrou, né?

L.: Lógico. O importante era ela entrar. Você entendeu? [risos] Só reforçava a marginalidade do grupo, né? Aí Dôra, Dôra foi concurso público...

V.: ...dava força ao grupo, né? Marginal!

L.: Mas reforçou o grupo, lógico! E ao mesmo tempo [murmúrio], ele continuava mais marginal.

V.: Marginal.

L.: Né? A enfermagem [inaudível] mais marginal. E depois, quê mais que teve?

V.: Já aí já havia o curso de habilitação?

L.: Não. Aí foi, aí foi, aí continuou habilitação... [gagueira] o currículo com, com, com a Enfermagem em Saúde Pública no oitavo período. E em setenta e cinco... na verdade nós conseguimos, nós, nós levamos esse tempo todo pra poder reestruturar a Habilitação em Enfermagem em Saúde Pública que nós estávamos esperando a Enfermagem Obstétrica, tá? A história foi essa. Então, porque a Enfermagem Obstétrica nós íamos fazer, era, era impraticável a gente tinha já clareza, porque nossa experiência era de oferecer o curso de Enfermagem em Saúde Pública, do quarto ano, em um ano e meio período. E a gente tinha clareza que era longo demais e que não havia necessidade disso. Que a gente podia estruturar em seis meses. Ainda mais considerando que o curso de enfermagem já era de quatro anos. Então nós íamos levar, levar cinco anos pra poder ter a, o, o, o enfermeiro no mercado, né? E, e a Enfermagem Obstétrica batia o pé que ela em seis meses ela não conseguia dar o curso de Enfermagem Obstétrica.

V.: Enquanto habilitação?

L.: Enquanto habilitação. Que ela queria dar em um ano. Então, e que, ao mesmo tempo que tinha uma política da gente tentar fazer, ver o quê que, quais as disciplinas que poderiam ser comuns. Tentar estruturar isso aí. E nós trabalhamos muito com o grupo de Enfermagem Obstétrica é, mas não conseguimos, tá? Até chegar um ponto que nós falamos assim: "Olha, nós temos clareza que, que habilitação que a gente quer, temos clareza disso aí." Aí conseguimos [gagueira] implantar o curso em mil novecentos e setenta e seis. Conseguimos assim:...

E.: ...setenta e seis.

L.: Setenta e seis. Conseguimos assim: com muita dificuldade, tá? Por quê?

E.: E Obstetrícia não saiu?

L.: Não. Nunca saiu.

E.: Saiu Médico-Cirúrgica e Saúde Pública....

L.: ...é... Saúde Pública. Aí, aí o con... aí o quê que aconteceu foi o seguinte: nós nessa história, nessa época eu era chefe de departamento, já tinha assumido chefia de departamento. Então a gente tinha realmente como é, é, é, ma... ma... mais, mais poder de barganha, entendeu? Pra poder, inclusive, negociar na universidade. Porque na verdade a gente precisava contratar pessoal pra poder abrir o curso de habilitação, né. E a gente tinha uma proposta, a gente tinha uma proposta que era de contratar, a proposta nossa era de contratar (...) enfermeiros como que era a história? A gente de... contratar docentes para, nós tínhamos as vagas, mas nós íamos contratar, mas nós num, num tínhamos jeito, no... jeito de contratar pra Enfermagem em Saúde Pública. Então, a proposta nossa era de contratar enfermeiros pra assumir algumas disciplinas do departamento que era: Administração, Enfermagem em Doenças Transmissíveis, ham?

E.: Que entrou Ana Maria Marun (?)

L.: Não.

E.: Não foi nessa época não?

L.: Não. [estalo de língua] Ana Maria já tinha entrado. Entrou na época na Isaltina.

V.: E saiu [inaudível].

L.: É, é. Administração, Enfe... Doenças Transmissíveis e tinha uma outra, tá? Então, a política, nós tínhamos conseguido três ou quatro vagas. Nós íamos contratar o pessoal por vinte horas e toda essa contratação...

[FINAL DA FITA 3, LADO B]

FITA 4, LADO A

V. : Vamos continuar a nossa conversa então, Luzia?

L. : Vamos, então até, até, até o momento técnico nós estávamos falando da questão do, de um marco que foi um envolvimento da enfermagem de saúde pública da Escola de Enfermagem, né? Dentro do curso de [habilitação] em enfermagem de Saúde Pública do, no projeto do, do módulo básico, né? Então, dentro dessa linha nós desenvolvemos a habilitação da enfermagem em Saúde Pública até em 1900 (...) acho que 1988, 1987 me parece; e que nós tínhamos alunos do oitavo (...), do nono, eram dois períodos, do nono e do décimo período e

que nós tínhamos alunos, nós tínhamos convênio com a Secretaria de Saúde e tínhamos alunos em vários municípios. Na verdade, o convênio não era com a Secretaria da Saúde, o convênio era com os municípios, com a prefeitura, com a Secretaria Estadual dos municípios. Então, nós tínhamos alunos que permaneciam dois semestres no, no, nós tínhamos alunos no norte, no (...) no norte, no, no Triângulo Mineiro, no Vale do Jequitinhonha, na Zona da Mata, na ... Tem hora que me vem uma falha em Geografia. [riso]. Aqui não é Zona da Mata não, por esse lado aqui Ponte Nova. Ponte Nova é Zona da Mata, não é ? Sei lá ...

E. : Zona da Mata é Juiz de Fora, né?

L. : Nós tínhamos em Juiz de Fora, é, tínhamos em Juiz de Fora, em várias regionais de Juiz de Fora. Uma regional de Ponte Nova, no regional de Uberaba, na regional de Uberlândia, na regional de Teófilo Otoni, na regional de Montes Claros tem várias, foram várias regionais. Só que os alunos não ficavam nos regionais, eles ficavam nos municípios e eles tinham uma bolsa de estudo. Essa bolsa de estudo era dada pelo município, tá, e em muitos lugares onde tinha internato rural, os alunos ficavam junto com os alunos da medicina. Então, nós tínhamos alunos de, em Lagoa da Prata...

V.: Desenvolvendo atividades conjuntas?

L.: Desenvolvendo atividades conjuntas e, e a gente tinha um, uma atividade conjunta também com o supervisor da medicina; então, por exemplo, no caso em que eu era supervisora da área de Teófilo Otoni, a gente, eu tinha, junto com o supervisor da medicina, a gente discutia as questões e, toda vez que ele vinha fazer a supervisão dos alunos da medicina, era envolvido o pessoal da enfermagem; toda vez que eu ia fazer a inspeção da enfermagem, a gente envolvia o pessoal da medicina.

V.: Uma integração ?

L.: É, então a gente era tudo, tudo feito nessa base. E muitas vezes a gente ia até, ia junto com o supervisor da medicina. E nesses locais os alunos, eles moravam, a prefeitura alugava, o , o convênio com a prefeitura constava o seguinte: a prefeitura pagava a residência pra eles, então, na maioria dos municípios eles alugavam uma casa; e nessa casa, geralmente tinha dois, dois alunos da enfermagem e dois alunos da medicina, tá? E era muito interessante, por que era uma relação né estudante, uma relação é ... é, homem, mulher e que muitas vezes na divisão do trabalho, a gente achava até engraçado, na divisão do trabalho ...

V.: Na manutenção da casa?

L.: Na manutenção da casa, eles dividiam né, igualmente. E as mulheres, as alunas sempre falavam, na hora que chegavam: “Não sei cozinhar [riso]. Até que eu sei, mas se eu falar que

sei cozinhar, eu já sei que a cozinha vai por conta da gente. Então a gente já fala que não sabe cozinhar, porque ai a gente divide o trabalho de uma outra forma.” [risos]

V.: Ô Luzia, este, esse morar...

E.: Vou usar essa estratégia. [risos]

V.: Esse morar juntos, é trouxe, algo... para a escola, algum tipo de, envolvimento, algum tipo de problema, de relação do ...

L.: Não.

V.: Entre alunos?

L.: Não, nunca trouxe.

V.: Como é, como foi em tempos antigos [riso].

L.: Não, não. É interessante que nem no município também. Isso era problema para o município.

V.: Não havia tititi?

L.: Não, sabe. Era, era a casa dos estagiários tá, era casa dos estagiários. Pelo menos nos, nos municípios em que eu fazia supervisão não tivemos nenhum problema, era casa dos estagiários e que...

E.: E a manutenção dessa casa era deles?!!

L.: Da prefeitura.

E.: Não, manutenção que eu digo.

L.: Alimentação.

E.: [inaudível] e hábito.

L.: Era.

E.: Desde a cozinha até o lavar roupa... Quer dizer...

L.: Tudo, não...

E.: Eles não tinham ninguém disponível para isso.

L.: Há, a prefeitura, muitas vezes a prefeitura pagava uma pessoa, pra também, pra poder, pagava uma empregada; pra poder cuidar da casa.

V.: Em alguns lugares, né?

L.:É, em alguns lugares.

V.: Eu me lembro, é...

L.: Sabe...

V.: [inaudível]

L.: Mas isso não quer dizer que a cozinheira estava todos os dias para fazer comida.

V.: Pois é.

L.: Eles trocavam experiência..., eles faziam muita festa também, fazia jantar, de vez em quando a gente estava lá.

V.: Interação mesmo, né?

L.: Quando chegava, quando ia chegar supervisor, eles faziam questão da gente almoçar com eles, de fazer a comida; às vezes a gente dormia lá; por exemplo, no, no ... uma coisa interessante é o seguinte: que nesse processo de supervisão eu tirava uma vez por ... uma semana por mês pra cada local. Então às vezes eu tinha aluno no norte de Minas, eu tinha aluno na Zona da Mata e, tinha lugares... Ah!!! Quando nós iniciamos esse processo, é bom isso, é bom isso salientar em questão da infra-estrutura que a escola dava; nós não tínhamos infra-estrutura nenhuma da universidade, quando nós iniciamos esse tipo de projeto. Então a gente fazia viagem, pra chegar a esse município a gente ia de ônibus e eu tinha município que eu fazia supervisão, que às vezes eu chegava de carona, porque, a gente parava por exemplo em Mercedes, era município que tinha ônibus uma vez por dia e eu tinha, eu ia até, pegava ônibus de Ubá e ficava parada no trevo, e no trevo eu tinha às vezes de ficar duas horas para esperar o ônibus que passava e muitas vezes a gente pedia carona; chegava de carona. E pra sair da cidade, eu tinha que sair procurando carona, para poder conseguir sair da cidade, pra poder ir para a rodovia, aonde passava ônibus para Belo Horizonte. Então, nós não tínhamos infra-estrutura nenhuma da instituição, da universidade. Quando nós iniciamos o processo, né? Depois de, de iniciado o processo foi que, ai nós... pegamos uma outra estratégia que era [fazemos deslocar os alunos] aonde também tinha o internato rural, então isso facilitava um pouco. Aí, a gente pegava a estrutura do internato rural. E logo depois também a escola já adquiriu carro, pelo, ai o que que facilitou - é muito importante colocar isso; ai já foi através do, do Projeto Transetorial de Ação Comunitária (PTAC), que foi um projeto institucional que envolvia a enfermagem, a medicina, a odontologia que foi financiada pela fundação (inaudível), né? Então, foi nesse momento, é que facilitou um pouco pra gente; por que ai tinha, tinha os carros do PTAC e que, que facilitava o ... a gente chegar até os locais pra supervisão e que a gente tinha melhores condições de fazer uma supervisão mais sistematizada, né? Tinha, havia uma integração também com o pessoal da medicina, que foi através do, do PTAC, Projeto Transetorial de Ação Comunitária.

V.: Luzia, esse tipo de supervisão bem diferente da que a escola desenvolvia até então, teve alguma, vocês tiveram alguma dificuldade no departamento? Como por exemplo, nós do

Departamento de Enfermagem Básica tivemos quando, tivemos a experiência com a habilitação em médico cirúrgica?

L.: Olha, pra te falar das dificuldades, as dificuldades eram tantas, sabe Valda, tantas que a gente não tinha recurso, não tinha dinheiro, não tinha diária, entendeu? Por que à medida que a gente saía aqui de Belo Horizonte, você pagava até a água, você paga até a água que você bebe, não é?

V.: Eu sei [riso] e muito! [riso]

L.: Então, então era tudo, muitas vezes, por conta da gente, sabe. Você não tinha recursos pra nada, não é? Já até a escola incorporar isso, né? Ia começar a pedir diária... se ... nós, nós fazíamos tudo para o departamento aceitar, mas era assim ... nós era... nós éramos marginais no departamento, né? Então se, o projeto dava sustentação, quer dizer em momento algum o departamento assumia que aquilo era do departamento. Agora, só que tem uma diferença; quando você chegava no final pra fazer os relatório, quer dizer, isso tinha um peso muito grande para os relatórios, porque era o grupo que captava recursos para a instituição, entendeu? E tudo isso aparecia, mas na hora realmente de você ter o aval, às vezes você tinha dificuldade; por exemplo; eu viajava à noite, você viajava a noite inteira pra Uberaba, pra Uberlândia, de ônibus...

V.: Cansaço heim?!

L.: Pra Montes Claros, viajava a noite inteira, para trabalhar no dia seguinte, trabalhava aqui durante o dia, viajava a noite toda e às vezes chegava de viagem; viajando a noite toda, voltava direto pro serviço.

V.: Tinha uma reunião para participar?

L.: Tinha reunião para participar, tinha alguma coisa para ser feita sabe...

V.: Algum momento você...

L.: Então, era... assim, na verdade, eu acho assim que o, no departamento ele tinha uma, uma fragili ... não era uma fragilidade, uma dificuldade muito grande de, de entender o que representava isso, porque na verdade, a veiculação da gente era muito forte com as instituições de serviços, né? Com as secretarias municipais, com a secretar ... com a secretaria estadual. O grupo tinha, o grupo participava de comissões da secretaria, de comissões de docente assistencial, não é? Então, existia um ... uma relação muito forte com isso aí. Então, e que o departamento não conseguia, ele não conseguia, não sei o porquê que ele não conseguia isso, mas ele não conseguia ter uma visão sobre isso. O que que isso representava para o departamento. E a gente também não tinha tempo de está colocando muito também não, por

que, primeiro, você não tinha nem espaço. Nas assembleias departamentais quando você começava a falar, você percebia... pelas caras das pessoas, você sentia que ninguém estava querendo ouvir, né? Que ninguém...

V.: É verdade.

L.: Que ninguém, né? Que ninguém estava ai pra isso. Então...

V.: Nunca, nenhum [departamento] nem o outro.

L.: Nós já tínhamos que lutar para poder fazer o trabalho fora, nós ainda íamos ficar perdendo tempo também, ainda de colocar dentro da instituição, né? Era meio complicado.

E.: Ô Luzia, qual seria sua avaliação ao longo dos anos em que você viveu e sempre tentando fazer um trabalho pioneiro, e sempre encontrando uma certa dificuldade, uma certa resistência, seja por parte do departamento, seja por parte da escola, a que você hoje, após tantos anos, atribuiria isso?

L.: Olha, eu acredito, isso está muito ligada a relação de poder, sabe. Eu acho, está muito ligada a relação de poder, né? Porque na verdade o próprio departamento tinha uma visão da gente, assim, que era um grupo forte, que era um grupo que tinha poder, você entendeu? Que nem assim... isso não... não correspondia a realidade. Não é, que a gente estava lutando, com tudo isso. Mas, era... a rejeição era mais nesse sentido. E, e eu vejo também pela própria história da enfermagem, como é que caminha a enfermagem: a enfermagem hospitalar e a enfermagem saúde pública; tem, tem uma questão também ligada a isso ai, sabe?

E.: E, é. E você está querendo dizer então que seria de alguma forma, um certo medo do poder, de que esse grupo passasse a ter poder?

L.: É, é. Passasse a ter poder e... e outra coisa também... passasse a ter... poder...

V.: Era um grupo diferenciado, né?

L.: Diferenciado [porque na verdade...]

V.: (inaudível)

L.: A nossa relação de trabalho, e depois, nós trabalhamos demais, quase que, né? Nós éramos as primeiras a chegar na escola e as últimas a sair da escola. Se estava de férias, você estava aqui trabalhando, né?

V.: Era um envolvimento assim...

L.: É, então...

V.:...incrível!!!

L.:...isso, institucio... uma instituição que, vocês conhecem melhor do que eu, né? Como que é o esquema, como que é o esquema da carga de... da carga horária, como que é o esquema

da... da carga didática, como que é a relação, integração, é, é, a relação... extensão, não é? Então, isso é tudo... [sinal de sirene de carro]

V.: É, e era meio difícil assim, quem é que vai viajar, não é?

L.: É a coisa mais interessante...

V.: “Quem vai viajar?”, “Eu não posso”, ninguém podia.

L.: É, e outra coisa, ninguém queria... ninguém queria e o nosso compromisso era assim, você tinha que ir mesmo.

V.: Tinha que cumprir.

L.: Não tinha outro jeito porque eu tinha...

E.: Pois é, mas houve um paradoxo aí Luzia, por que ninguém...

L.: Olha... eu tinha que...

E.: ...queria, mas também não queria deixar que acontecesse.

V.: Claro, é.

L.: Dava muito trabalho; por exemplo, nós tínhamos de, dava, demandava para a secretaria do departamento, que tinha muito trabalho para ser batido, tinha muitas coisa, né? Gerava muito trabalho, e, mas... tinha uma outra questão que... eu ia falar mas esqueci, mas... mas voltando ao, o, o, o processo de supervisão que a gente escrevia era o seguinte: nós preparávamos, o aluno ia, porque ele não estava aqui assis... assistindo aula, não é? Ele estava inserido no processo de trabalho do município, não é? Seja... ele trabalhava no centro de saúde na comunidade, no processo de trabalho, né? É, é, ele participava do, do... participou...de todo o processo [inaudível] depois do SUS,[Sistema Único de Saúde] não é? Tinha representatividade em relação ao município, então o aluno, ele tinha uma atuação diferenciada nesse sentido. E, e, o, o... a gente tinha, fazia o quê, nós tínhamos... deixava o material didático com os alunos, na casa dos alunos, que eram importantes pra eles, tinham todo o material é, é, xérox de material, é, de textos, então a gente tinha uma relação daquele material que ele tinha que fazer a leitura. E a gente ia durante a semana que estava lá, pra gente discutir o processo que ele estava vivenciando naquele período, discutir a, é, é aonde que ele encontrava dentro da literatura o que que tinha aderência naquilo que ele estava vivenciando né? Como é que, que o material que estava, que poderia estar subsidiando aquilo, o que ele necessitaria mais e... que... [por que] no momento, primeiro ele fazia, chegava no município, ele fazia primeiro uma identificação das necessidades do município para elaborar uma proposta de trabalho. E no segundo, segundo momento, ele já ia tentar implementar essa proposta de trabalho. Mas, só que ele fazia isso (boceja e pede desculpa) junto com, inclusive

com o grupo todo do município do centro de saúde, com o pessoal todo atendente; então, muitas vezes surgia demanda de capacitação de pessoal, de capacitação de atendente, tá? E discussão da... da (inaudível), sistema integrado de saúde, do SUS, havia a questão do SUS, de discussão, de, de, discutir leis, de estudar tudo isso. Foi um processo muito rico, sabe? Muito rico. Bom... pode falar...

V.: É... pode falar você.

L.: Pode perguntar.

V.: Não, eu ia perguntar assim: quando terminou a habilitação, quais foram os motivos que, que levou a escola na sua visão, a encerrar as habilitações além do aspecto legal, né? De não (inaudível).

L.: Na verdade, na verdade, a gente queria, a nossa intenção, nós para... encerramos a habilitação para dar um salto, para passar para a especialização, né? Porque era uma experiência muito rica e que na verdade, a gente analisando o título que o indivíduo tinha, ele tinha um título de graduação. E, não é só muito em questão do título, e ta... estava um momento também, de, era um outro marco, era uma outra reforma, né?

V.: Hum-hum.

L.: Que estava, as habilitações iam estar aí, e a gente já estava vivendo um outro momento que, dentro desse momento, a gente retoma, a gente resgata a questão do módulo básico, o porquê do módulo básico, daquele projeto, né? Da inserção do enfermeiro no sistema local de saúde, o porquê que estava buscando isso dentro da OPAS, [Organização Pan-Americana de Saúde] dentro do papel que a OPAS estava buscando encontrar que tivesse o aluno no, no sistema local de saúde; o aluno não, desculpe; o enfermeiro, e que esse enfermeiro pra ele dar respostas as questões ligadas à capacitação de pessoal na área de enfermagem. Porque eles tinham ai, o outro, o outro processo de capacitação que era a formação do pessoal, é de nível médio, não é? Pra área ambulatorial, né? Então, esse enfermeiro, esperava-se que esse enfermeiro tivesse um papel bem diferenciado na capacitação desse pessoal.

V.: Além desses motivos, vocês tiveram problema, como nós da [Habilitação] Médico-Cirúrgica tivemos, de falta de pessoal, de falta de aluno para preencher os locais?

L.: Não.

V.: Para cobrir os locais?

L.: Não, não. Porque na verdade, nós tínhamos os alunos (...) que iam para o interior e só ficavam, a gente tinha, tinha um esquema, né? Dentro do regimento tinha um esquema que

primeiro o aluno só, ele só não ia para o interior em situações especiais. Então, no ato da matrícula, ele já tinha que fazer essa opção.

V.: Vocês sempre tiveram um número bom de aluno?

L.: Tinha.

V.: Para cobrir (inaudível).

L.: É, para cobrir (inaudível), tá? Para cobrir isso ai.

V.: Diferente de, de nós da Médico-Cirúrgica.

L.: Diferente de vocês, da Médico-Cirúrgica.

V.: Que nós, a gente tinha, quatro alunos pra cinco professores.

L.: É, é foi diferente. E depois eu lembro que, na ... nessa situação o, o... somente ficava aqui em Belo Horizonte aquele que não tinha realmente condição de ir para o interior, né? E agora, era discutido com os alunos, por que eles escolhiam os locais, não é? Era tudo, estava tudo discutido, os alunos escolhiam os locais, nós apresentávamos os locais - "são esses", né? E eles escolhiam de acordo com a vontade deles, realmente, né? E...

V.: Terminada, então essa experiência da habilitação...

L.: Ai, ai veio. Essa experiência da habilitação, ela, ela... começou do zero, ela, ela iniciou, ela iniciou com um projeto, não é? Do, da OPAS do módulo básico, depois ela, ela caminha sem a universidade, como nós lutamos com muita dificuldade. Depois ela, ela, a gente incorpora essa experiência junto ao programa transetorial, no PTAC então a gente já tinha recursos, já tinha condição de viajar e tudo mais, com diária, era mais tranqüilo. A gente, só iria, muitas vezes, de ônibus, era difícil viajar de ônibus, a gente viajava mais de carro mesmo. Facilitava bastante. Ai depois vem a questão da... ai vem... a questão da especialização. Então como é que surge a especialização? Então, dentro da linha de capacitação de pessoal de nível médio, né? Pra área ambulatorial, que... parece que eu já falei isso anteriormente, né?

V.: Hum-hum.

L.: A escola era colocada pra... e aqui pra escola...a OPAS coloca .. a experiência que nasceu, no serviço, não? E faz a proposta pra, pra várias escolas, né? Pra várias escolas de enfermagem, pra transformar em um curso de especialização, e a nossa escola foi a primeira que iniciou, né? Que ficou na nossa escola aqui, é, a Bahia [estado da] foi... ofereceu um ano a especialização em enfermagem em saúde pública. E dentro da, da especialização, nós passamos também por vários processos, né? Nós passamos por vários processos em que no, no início, é muito voltado, de acordo, é porque a divulgação era feita pra todos os centros regionais. Mas, dependia muito, por que às vezes a gente tinha aluno mais da área

metropolitana ou, aluno do interior era pouco; então nós passamos por vários processos. A parte, a integração, que houve em, a parte mesmo em termo da prática, muitas vezes, era desenvolvido somente aqui em Belo Horizonte nos períodos de interstício. E, depois, quando, quando ocorria de ter alunos do interior nós passamos a fazer com que ele se desenvolvesse no local de trabalho dele e, hoje eu não sei, já falei isso anteriormente, não sei hoje como está a situação por que eu já me aposentei, em 1994, não é? Então eu não tenho agora...

V.: E...

L.: Paralelo a isso ai, que eu acho, paralelo a isso ai que foi em oitenta e nove, parece em oitenta e nove, a escola, oitenta e oito, oitenta e nove; a escola foi convidada pelo, foi, oferecido à escola pela fundação Kellogg, né? Considerando toda a experiência da escola que ela já tinha em relação a esse tipo de trabalho de comunidade, a ... inclusive pela própria experiência dela com o grupo PTAC, a... a desenvolver um projeto ligada à pós-graduação, não sei se vocês estão lembradas desse projeto, né? Então dentro desse projeto Kellogg, ela tinha uma proposta do desenvolvimento da enfermagem na América Latina, não é? E dentro desse desenvolvimento da enfermagem, a, estava muito voltado para a questão da pós-graduação. Então, pediu que a escola elaborasse um projeto pra identificar as necessidades de pós-graduação, não é? do país, identificar a situação da pós-graduação. Então, a escola desenvolveu esse trabalho e que culminou com o rigi... com a reunião de Barbacena. E, a escola então, foi escolhida na época pra desenvolver um projeto do, de desenvolvimento da enfermagem, então foram várias escolas na América Latina. Foi a nossa escola, foi a escola do México, né? Da Universidade de Nuevo Leon, em Monterrey, a escola da Universidade Nacional a... o Departamento de Enfermagem de Cali, Colômbia. A Escola Pontificia Universidade Católica do Chile, não é? E parece, não sei se tinha da Argentina também. Pra... para criar os PRODENS, não é? O desen... e ai, dentro da nossa escola foi desenvolvido então, foi (inaudível)... foi elaborado um projeto que captou recurso, não é? E, então dentro desse projeto, foi que, que a gente buscou dar uma continuidade, né? Naquele momento em que... em que... que... tinha dado o corte pelo PTAC, né? Que foi, volta... dentro das especializações, e dentro da especialização da Enfermagem em Saúde Pública, só que dentro do nosso projeto político, nós, nós tínhamos na época, é, é, um... uma utopia de, de capacitar todos os enfermeiros do Estado de Minas Gerais.

E.: Quando você “diz nós”, nós quem?

L.: Nós da Enfermagem de Saúde Pública.

E.: Ah, tá. na verdade o que...[tosse]

L.: Que era um grupo de oito pessoas e de cinco realmente atuantes, não é?

V.: E foi esse grupo praticamente que, que fez a proposta do PRODEN I? [Programa de Desenvolvimento da Enfermagem].

L.: Foi.

V.: Que levou na verdade o PRODEN I?

L.: Foi não, o PRODEN I na verdade, foi um grupo maior, um grupo maior assim: quando ele começa, quando ele começa, que a gente leva os trabalhos, o trabalho que foi feito em todos os departamentos, no início foi mais gente, né? E, e, mais e... ai, ai, como é que a gente incorpora dentro disso ai nós tínhamos, né? A utopia de, de capacitar os enfermeiros do estado, os enfermeiros do Estado de Minas Gerais pra eles realmente serem os instrutores, os supervisores do, do processo de capacitação do pessoal auxiliar. E, só, que, nós tínhamos clareza que, com o curso de especialização, com trinta vagas (inaudível), né? Até nós conseguirmos isso, era impossível. Então, nós tínhamos como meta também, de incorporar nesse processo o, uma proposta de educação continuada; em que a gente desenvolvia de uma maneira isolada os módulos, não é? Dentro de cada área. E que ele poderia ter a possibilidade de da... de chegar à titulação de especialista, uma vez que ele completasse o total de módulos. Ai, já fazendo dois fora, pelo processo de educação continuada, que parece que pela lei, eram dois que, que permitia fazer o restante depois aqui, já matriculado no curso da especialização. Seria uma forma de poder agilizar o processo, né? E ai, foi ai que nasce, foi ai que surge a questão de Ipatinga, Monlevade né? Que surge toda, toda essa questão da capacitação dos enfermeiros de Ipatinga, dos enfermeiros de Monlevade, e, outros módulos que foram dado isolado, né?

V.: E essa “utopia”, como é que está hoje?

L.: Ela continua por que uto... utopia e a gente tá, né? A gente ta...

V.: Buscando?

L.: Buscando ela até hoje, né? Ela está caminhando, ela não tá... a gente já avançou um pouco nesse processo. Por que... outra coisa também, que estava, que está... na incorporação, que quando nós começamos o curso de especialização, nós na verdade, quando a [enfermeira] Izabel [dos] Santos²¹ colocou que, tava entregando para universidade pra, pra assumir o processo de capacitação dos enfermeiros, ela só tinha o material, o material não estava completo, não é? Então, o grupo assumiu inclusive, terminar o material e elaborar o que estava faltando. Então, o [módulo da área] de administração foi elaborado aqui e foi feito a

²¹ Referência nacional no setor saúde em recursos humanos.

revisão de, dos outros materiais, do enfermeiro da área ambulatorial, não é? E o do, da área pro auxiliar de enfermagem da área ambulatorial já estava pronto, não tinha...estava tranquilo. Ai, então, diante, nesse processo todo o PRODEN incorpora esse trabalho, não é? O PRODEN incorpora, aí agora o, por que o PRODEN incorpora? Porque eram as mesmas pessoas que estavam na especialização. Então é por isso...

E.: Esse material que você está citando...

L.: Então, é por isso na verdade, não é? É o PRODEN que incorpora, mas é porque as pessoas que estavam responsáveis, por isso que está... que continuaram fazendo.

V.: Dando uma continuidade ao trabalho.

L.: É. O grupo é o mesmo.

E.: Eu acho que seria importante você situar que material é esse, por que...

L.: É um material instrucional para a capacitação do enfermeiro, da área...

E.: Da área...

L.: Da área ambulatorial.

V.: Mas esse não é o que está pronto, Luzia?

L.: Não é, na área de doenças transmissíveis, na área de saúde... na saúde da mulher e da criança e do adolescente. Por exemplo, do adolescente foi feito aqui na escola.

V.: Ah, sim! Ainda da saúde pública.

L.: Da saúde pública.

V.: Depois vem da hospitalar que é outro momento.

L.: Outro momento, né? Mas, do, da saúde pública, por exemplo, o da administração da saúde pública, não estava pronto. O da administração, ele foi feito, ele foi dado, ele tinha um módulo, tinha um modelo, tinha um material, mas dentro de um... dentro do [constituente normativo] muito, muito... muito fora da realidade e que ele... tinha estudado uma vez em Brasília e foi dado pra nós aqui em Belo Horizonte, né? E depois que ele foi dado pra nós aqui em BH; aí nós, o grupo que fez, nós assumimos que a gente não iria dar esse material pra, pra, pra, próxima turma; por que quem fez foram os professores, então, nós iríamos reformular ele todinho, é, mudar a lógica dele, né? Virar a mesa. Ai, nós fizemos, elaboramos todo o material primeiro e capacitamos o pessoal. E aí, tem a história também da atuação do grupo, né? Em capacitar outros docentes de outras instituições, por que... na verdade... nesse processo todos nós, docentes, fomos capacitados e aí, é incorporados no processo a Faculdade de Saúde Pública, o pessoal de enfermagem, a Faculdade de Saúde Pública, é, alguns docentes da, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (SP), alguns docentes da Escola de Enfermagem

da Universidade da Bahia, alguns docentes da Escola da Enfermagem, não, alguns enfermeiros de, da Secretaria de Estado de Saúde do Rio Grande do Norte, da Paraíba e de Maceió. Eles vieram aqui para, fazer o curso, para poder reproduzir, não é? E, e depois, o grupo também daqui, o grupo do, esse mesmo grupo que levavam todo esse processo já foi em outros locais para poder reproduzir o, a capacitação do pessoal, né? E...

V.: E como é que está hoje a especialização?

L.: Hoje, eu não sei, eu só sei até 1994.

V.: 94? [riso] o que aconteceu em 94, você...

L.: Eu me aposentei em 94.

V.: E aí?

L.: Né? Então, eu me aposentei em 94 e, continuei no PRODEN, né? Por que aí o PRODEN, terminou o PRODEN, PRODEN I, e o PRODEN era um projeto dessa escola com as escolas de enfermagem do Estado de Minas Gerais. Quando encerra o PRODEN I, e que, que eu era da coordenação do PRODEN, e, além do mais traba... levava também o projeto de educação continuada, então, aí, esse... o grupo do PRODEN elaborou o PRODEN II e dentro da linha de educação, de, de capacitação de recursos humanos. Foi, aí a gente já passou a trabalhar, ele já seria um projeto não só dessa escola, mas um projeto realmente das oito Escolas de Enfermagem de Minas Gerais., quer dizer, hoje nove, já, né? Com Diamantina já incorporada.

V.: Diamantina ou Montes Claros?

L.: Diamantina também.

V.: Também?!

L.: Dez já.

V.: Então, dez.

L.: Dez.

E.: É.

L.: Porque, quando nós iniciamos o PRODEN II, a gente tinha como meta avançar pro norte de Minas, norte e nordeste, né? De Minas, que é o Vale do Jequitinhonha, norte de Minas, que é o lugar descoberto, né? Então, hoje, já tem a escola de enfermagem de Montes Claros, que o PRODEN tem uma atuação também, junto a escola de enfermagem de Montes Claros e, agora, Diamantina que está na fase de autorização; não é, que a Maria Lúcia [Cardoso, diretora do curso de enfermagem] de Uberaba, que já estava dentro do PRODEN I e ela continua agora, só que ela saiu de Uberaba e já foi pra, pra Diamantina?

V.: Diamantina?

L.: Maria Lúcia é outra bandeirante, né, outra (...), vai desbravando ai. Bom (...) então, dentro da... dentro... bom... ai eu me aposentei em 95, 94, eu deixo de ter uma atuação didática na escola de enfermagem, didática, mas continuo trabalhando no PRODEN.

V.: Só uma pergunta: você se sentiu aposentada ai nessa escola?

L.: Não! [risos]

V.: Eu estou perguntando isso, porque assim, você saiu e não saiu, não é? Você deixou de dar aula, mas continuou, é... vindo aqui quase todos os dias, né? Eu, por mim, digo a mesma coisa, é como se a gente não tivesse saído.²²

[FINAL DA FITA 4 LADO A]

FITA 4, LADO B

V.: Aí, continuando...

L.: Tá. Você não tem muitas vezes, quer dizer, você não tem mais que passar por, pelos processos burocráticos da instituição e, de, de suportar coisas que às vezes é um, um não que você recebe de pessoas que não está entendendo nada ; o processo que está vivendo, não é? Então, isso é muito desagradável e muitas vezes, a gente tem que fazer um trabalho com a gente, para engolir isso... tudo isso.

V.: Verdade.

L.: Não é? Então é muito, muito mais prazeroso. E, e, eu fiquei quer dizer, eu fiquei... e na verdade, coisa mais interessante, que hoje o meu projeto, o projeto que eu coordeno dentro do PRODEN, ele é um projeto que ele trabalha mais ou menos com, com umas, uns trinta docentes dentro dessa instituição, trinta a quarenta docentes, é muita coisa, você pensando, como uma instituição de quanto? De oitenta docentes, né? Então, é um grande número de, de docentes.

E.: Qual que é o projeto?

L.: O de educação continuada, não é? Dentro da elaboração da modelagem institucional. E...

V.: Luzia...

L.:... todo mundo gosta porque quem está no projeto é porque quer estar, sabe?

V.: ...você vê o PRODEN II, mais que envolvendo a escola como um todo, mais que o PRODEN I (...) com participação de pessoas de outros departamentos, de outro grupo, além da Saúde Pública.

²² Professora também aposentada em 1994.

L.: Não. Por que, na verdade, o, o, o mo... o que eu vejo é o seguinte: que o momento da escola hoje, ele é outro de... devido as, o grande número de... de aposentadoria que houve, né? Então, por exemplo, o contexto que entra o PRODEN II, ele é um contexto bem diferente do PRODEN I, né? Então, pode até ser que as pessoas estão envolvidas e também pelo tipo de trabalho, pelo tipo de trabalho que hoje, hoje está sendo, está sendo por exemplo, esse mesmo projeto hoje de educação continuada, que na época a gente não tinha esse tipo de atividade que era a elaboração de módulos, de material instrucional, é um tipo de trabalho que dá condição de envolver mais gente.

V.: O de agora, né?

L.: O de agora.

V.: Agora o material que...

L.: Sabe...

V.: ...o PRODEN está elaborando é o ...

L.: ...agora, nesse momento, a gente está; aí o PRODEN, o projeto, mesmo dentro do PRODEN I a gente tinha assumido fazer a revisão do, do material instrucional para a formação do auxiliar de enfermagem para a área hospitalar, né? E que, teve a participação da escola. Esse, esse material, ele foi, ele começou a ser elaborado por um grupo do Rio de Janeiro (RJ) durou uns dez anos isso aí, até vir para cá, e aqui, quer dizer, ele, ele, foi feito a revisão desse material aqui, que na verdade, foi revisão e muita, muita construção também, não foi só revisão.

V.: Reconstrução, né?

L.: Reconstrução. Mas ele foi, foi elaborado de acordo com o ritmo das pessoas, não é? Então porque... não tinha outro jeito porque todas as pessoas estão envolvidas com a parte de didática, com a parte de extensão, então foi realmente com, com o ritmo das pessoas, então ele foi, foi bem demorado mais foi um trabalho bonito porque ao mesmo tempo inclusive ele, ele (...), como é que eu falo, ele... não é que ele capacitou, ele proporcionou a própria capacitação da docente no, no processo.

V.: É, além do envolvimento do docente de todo, de...de outros departamentos?

L.: De outros departamentos, claro. Eu acho que foi isso muito importante isso. Muito importante mesmo. E inclusive com metodologia nova, que pra muitos, para muitos docentes, inclusive docentes novas na instituição, né? Uma metodologia diferenciada, que eles ainda não tinha oportunidade de participar, né? Não sei, então foi muito, muito interessante. Está sendo muito interessante.

V.: Está sendo? Não acabou ainda?

L.: Não, acabou. Porque que... nós, nós terminamos a parte do pessoal auxiliar e, ao mesmo... agora iniciamos a parte dos enfermeiros, né? E nessa, nesses enfermeiros é que têm um número de docentes, né? Um número significativo, de docentes, desta instituição, e também um número significativo de enfermeiros das instituições de serviços, né? Que, que está contribuindo pra, pra esse, pra esse trabalho. Agora...

E.: Esse trabalho terminado, é, qual é a utilização dele?

L.: Este trabalho terminado, bom, primeiro ele tem, tem, né? Depe... dependendo de qual, quais estratégias você irá adotar, ele vai poder ser utilizado, o objetivo dele é capacitar os enfermeiros pra, pra participar do processo de capacitação do pessoal de nível médio na utilização do grupo integrado que ele trabalha, com o grupo integrado, né? Então, essa capacitação dos enfermeiros é que a instituição, ela pode utilizar esse material e criar cursos de especialização em cima desse material, como nós fizemos, sabe. E, e ele pode ser utilizado também dentro do processo de educação continuada, pelo, de acordo com a necessidade através do, das áreas isoladas, porque são cinco áreas, ele pega a enfermagem médica, a enfermagem cirúrgica, o controle do, da [infecção de doenças], a assistência à mulher no ciclo gravídico-puerperal, a assistência a criança e ao adolescente; é, todo, toda essa clientela hospitalizada, de modo que...

V.: E administração?

L.: É, é administração, administração da assistência, é. Que mais, Valda?

V.: E quem sabe, um pouquinho da Luzia fora da escola. Além de todo esse trabalho na escola, né? Dentro da (inaudível) como que é a Luzia lá fora?

L.: Será que tem lá fora, nem sei [riso], está tão misturada, né?

V.: Você falou muito dela só trabalhando, na Saúde Pública [riso].

L.: Será que tem lá fora?

V.: Não sei!

L.: Não sei, lá fora o que que é, eu sou Luzia.

V.: Você é solteira?

L.: Solteira, 56 anos bem vividos, se possível quero viver mais cinqüenta e seis.

V.: Você tem algum projeto, assim, de trabalho, de atividade fora deste aqui da escola? Você tem outra atividade lá fora, além desta?

L.: Tenho.

V.: Então, é isso, o que você faz lá fora, além daqui?

L.: Tenho, eu tenho. Além de, daqui, quer dizer, eu sou “Maria”, eu sou dona de casa, não é?

V.: É! Cozinheira?! [riso]

L.: Cozinheira, engraçado, né? Você volta às origens, eu adoro de manhã estar em casa, fazer comida (trovão, chuva) sabe aquela comida, aquela comida, naquela panela de ferro, fazer comida aquele arroz soltinho, bem mineiro, né? Fazer angu, jiló, quiabo, não é todo dia também, não é? [riso]

V.: De vez em quando?

L.: De vez em quando [riso]. E, eu, deixe ver o que mais, além das atividades domésticas, eu faço, faço parte de um grupo de [filosofia]. Então, a gente tem um trabalho também.

V.: Esse trabalho é com alguma finalidade ou só no grupo, enquanto grupo de estudo.

L.: Não, enquanto grupo de estudo, né? É grupo de estudo de capacitação de pessoal também do, dos, grupo de estu... esse grupo tem uma pessoa que dá curso. Então, a gente participa no sentido de, de... de proporcionar infra-estrutura pra isso.

V.: Esse curso tem outras pessoas da escola, que sejam da escola, e que faz parte?.

L.: Tem, todas as pessoas da escola?

V.: Carmelita tá junto, nesse curso?

L.: Carmelita, tem outras pessoas, de outros departamentos também, várias pessoas, sabe? É bem interessante, sabe? É muito bom quando a gente sai do mundo da escola e passa pro mundo, né? Pro mundo, [pega cosmo], sabe?. Então é muito interessante, isso.

V.: (riso)

L.: Não né? Vai para outras galáxias [riso] [riso]. É muito bom.

V.: Voa [risos].

L.: Sabe muito bom mesmo.

V.: Alguma pergunta?

L.: Bom, espera aí, tinha uma outra coisa, do estado, da secretária...

E.: É a história da secretária

V.: Bom, da Luzia fora da escola seria isso. E como é que a Luzia se diverte lá fora?

L.: Como é que eu me divirto?

V.: É!!!

L.: Ah! De várias maneiras!!!

V.: Serestas? [riso]

L.: Serestas, pros boteco da vida.

V.: É uma vida ativa também, né?

L.: Dançando, dançando, né? Tão bom dançar! Que mais? Viajando, adoro viajar, Nossa Senhora! Agora, como estou sem dinheiro, porque tem três... mais de três anos, tem três anos que nós não temos aumentado, não é? Então, está difícil viajar não é? Aí eu descobrir, então, eu fico vendo pela televisão o, TV a cabo, então tem um canal que tem um punhado... ai eu viajo pelo mundo inteiro. Ai é ótimo, que eu conheço os lugares e já posso fazer minhas fichas e eu penso, porque eu planejo, assim ó: tal época eu vou em tal lugar, né? Então eu falo, ai eu fico revendo coisas que eu já fui, lugares que eu já fui e ainda fico planejando: eu quero ir em tal lugar assim, assim. (inaudível).

V.: Luzia, você, você está no PRODEN, continua na escola pelo PRODEN não. Você continua no PRODEN porque, voluntariamente?

L.: Não, eu tenho um vínculo institucional, né? Na verdade, primeiro porque eu quero, né?

V.: É.

L.: Isso ai; não tem dúvida disso. Mas, existe, tem um vínculo institucional o seguinte: quando eu me aposentei, eu, aquilo que eu falei, em sessen... setenta e dois, eu fiz concurso pro Estado, não é? Então eu fiquei no Estado um período e na escola um período. Depois eu deixei o Estado pra ser dedicação exclusiva na escola e quando eu me aposentei, eu retornei ao Estado, e retornando ao Estado, eu discuti lá, e pedi, [na área de recursos humanos] para ficar a disposição do PRODEN, para trabalhar nesse material institucional, por que é interesse do Estado, né? Em relação à capacitação de pessoal, a formação de recursos humanos. Então eu fiquei...

V.: O tempo que você ficou afastada, você ficou afastada sem vencimento?

L.: Sem vencimento, sem vencimento!

V.: E agora, com vencimento...

L.: E agora com vencimento. Na verdade, eu ganho, eu trabalho, é, é, eu tenho quatro horas, legalmente, quatro horas de atividade e, e, só remunerada pelo cargo que eu tenho no Estado que é de R\$300,00 por mês.

V.: É muito bom, bastante, né? [riso]

L.: [riso]

V.: É o líquido? [riso]

L.: Não, com os quinquênios, são... que eu fiz [vinte cinco anos de [Estado]], então, eu tenho os quinquênios, acho que ele líquido, R\$460,00 [riso] com os quinquênios, com o prêmio de vinte e cinco anos de, de vinculação.

V.: No PRODEN, não tem uma remuneração, porque você é de...coordenadora.

L.: Tem, tem. O PRODEN, o PRODEN ele dá uma remuneração pra todos os coordenadores, né? É uma remuneração da... da instituição, de acordo com os cargos; então a remuneração do PRODEN é mesmo, mesma relação do CENEX, [é o UR, não sei o que lá, acho que F1] é, R\$104,00 por mês.

V.: E esse dinheiro vem do, da, do, do projeto?

L.: Vem do projeto.

V.: Não da universidade?

L.: Não da universidade, mas é, é, é o mesmo valor, valor estipulado pela... de acordo com, com os cargos que tem...

V.: Da tabela da universidade?

L.: Da tabela da universidade. Então, é a gratificação de cento, e acho que cento e quatro por mês. Só que a gente recebe, por exemplo, no meu caso, as outras pessoas que não são aposentadas recebem em forma de bolsa, recebe todo mês. O meu, eu só posso receber três vezes por ano, então eu recebi de quatro em quatro mês.

V.: Ah! Ótimo! [riso]

L.: [riso] (inaudível) de quatro em quatro meses eu recebo quatrocentos e pouco reais, pelos trabalhos.

V.: Muito bem, mais alguma coisa Luzia, importante?

L.: Não, bom...

V.: (inaudível)

L.: Importante, deve ter muitas...

V.: Importante muitas, com certeza.

L.: Da minha cabeça, agora que a gente vai...

V.: Alguma coisa do passado mais longínquo ou desse mais recente que você queira, ainda, ressaltar de interessante...

L.: Não.

V.: Ou de você como pessoa?

L.: Não, acho que não. No momento agora, não tem nada não.

V.: Seu futuro está vivendo hoje.

L.: Meu futuro... eu não tenho futuro não. Meu futuro é hoje [riso]

V.: Seu futuro, você está vivendo hoje! [riso]

E.: É nossa linha, né?

V.: É, é nossa linha de pensamento.

L.: É, não tem jeito não!

V.: Bom, então a gente só tem que te agradecer.

L.: Ah! Eu também, que bom, foi muito bom pra mim. Foi bom ter lembrado de muitas coisas, né? De outras coisas... agora, a gente vai chegando em uma certa idade, que, é, que a natureza é sábia mesmo, chega uma certa idade que a gente passa a lembrar só o que é agradável, né? Então, aquilo que é...

V.: Marcou, sofreu...

L.: Marcou, sofreu...

V.: ...deixa pra lá.

L.: ...deixa pra lá, deixa pra lá, né? Pronto, né? Passou, né? Mas o que eu sinto, na verdade, é que dentro do meu projeto político, dentro do meu projeto de vida, ele tem muita coisa ainda pra ser feito, né?

V.: Você tem uma caminhada...

L.: Tenho.

V.: ...pela frente ainda.

L.: Tem, tem muita coisa pra ser feito, né? Então...

V.: Tem a ver com a enfermagem?

L.: Eu falo dentro da enfermagem, não é? Dentro da enfermagem.

V.: Dentro da enfermagem, né?

E.: Quais são esses projetos? Pode-se adiantar alguma coisa?

L.: Porque... não, porque eu, eu luto pra uma enfermagem de qualidade, né? Então, realmente pra uma enfermagem de qualidade. Então eu fico pensando de como eu entrei na enfermagem, quando eu entrei na enfermagem e como que a enfermagem está hoje, não é? Como, quando, eu lembro que quando nós entramos... quando eu entrei não existia enfermeiro no centro de saúde, era só o pessoal atendente. E, o, o que que a gente fazia? A escola, nós enquanto professores da escola, nós assumimos, muitas vezes, em capacitar os atendentes do centro de saúde da... buscando a melhoria da qualidade, não é? Então, hoje nós estamos buscando o quê? Qualificar esses atendentes, né? Na melhoria da qualidade. Então, tem muita coisa para ser feita, né?

E.: como é que você...

L.: Considerando que 63, 63% da força de trabalho da enfermagem é de pessoal não qualificado, né?

E.: Como que você vê, você que, que esses, esses dias teve uma chance de recordar um pouco e rever um pouco a enfermagem, como que você percebe essa evolução de quando você entrou como aluna até hoje?

L.: É, muito lenta. Pe... se a gente considerar, se a gente considerar o, o avanço tecnológico, eu acho... a questão da enfermagem, ela é muito lenta, as mudanças da enfermagem. Então, eu fico pensando se hoje eu tenho né? Não tinha clareza sessenta e tantos, sessenta e três por cento da força de trabalho da enfermagem é de pessoal não qualificado, eu não estou nem questionando se é pessoal titulado ou não; a gente sabe que ele é um pessoal não qualificado, a gente conhece a história de como que o pessoal entra na enfermagem, né? Então, se a gente busca uma qualificação desse pessoal, então a gente teria que avançar e, e, em estratégias que, que capacitasse esse pessoal no maior número possível, né? Estratégias, estratégia (inaudível), nem que pegasse ensino à distância, sabe, o ensino despolarizado, ensino centralizado, sabe? No entanto, a enfermagem é muito resistente a isso, sabe? Muito resistente. Agora pelo menos a gente tem a grande vantagem da aprovação da LDB, né? Então pelo menos você garante a educação à distância pela LDB; que a própria universidade, a própria universidade estava negando, porque ela não tinha o, o, o aval formal uma vez que no... que não era aprovado a educação à distância, né? Então eu acho que... tem muita coisa para ser feito e eu acho que pode avançar demais, sabe? Uma vez que, que o pessoal que faz enfermagem, o pessoal que faz enfermagem, faz enfermagem, tem uma, um certo conhecimento. Eu acho que precisa é buscar sistematizar esse conhecimento, não é? Por isso que eu acho que... né?

V.: Tem muita coisa para ser feita, né?!

L.: Muita coisa, mas coisa é demais, né?

V.: Estamos aí.

L.: E, eu me sinto engajada nesse processo, não é? E quero continuar trabalhando, enquanto eu tiver viva, né?

V.: Vamos em frente.

L.: Vamos em frente, tá? Então eu agradeço tá? Essa oportunidade de, de lembrar um pouco das coisas da escola. Hoje... hoje, a hora que eu entrei nessa sala eu fiquei vendo essa mesa que era da biblioteca, aqui da escola...

V.: É? [risos].

L.: Toda.

V.: [Sombreada, né?]

E.: Sombreada. Eu estudei muito nessa mesa. Eu gostava dela, por que tinha um lugarzinho pra botar o pé ali em cima, [riso] então você descansava o pé. [riso] [risos]. É!

V.: Bem, eu acho que sua, sua entrevista foi importante [vozes de criança] porque além de, de lembrar a Escola Carlos Chagas, você deu muitas informações sobre a Escola de Enfermagem da UFMG, né?

L.: É.

V.: Espero que alguém mais pra frente faça essa complementação, né? de sessenta e oito pra cá.

L.: É, é claro. Tá bom. Muito obrigada.

[FINAL FITA 4 LADO B]

FITA 5, LADO A

V.: Continuando...

L.: Nós, nós já tínhamos as pessoas indicadas porque nós, nós íamos pegar alunos recém formados que haviam tido, sido representando destaque durante o curso de graduação. É, alunos recém formados prá fazer, prá ser professores no horário da manhã e eles iriam fazer a habilitação em Enfermagem em Saúde Pública no horário da tarde, entendeu: porque na ver...Ah, outra coisa, eu enquanto minha experiência, enquanto, enquanto chefe de departamento, a gente tinha maior dificuldade. Nós tínhamos as vagas para profe...nós tínhamos necessidade de, de, de docente, tínhamos a, a autorização da universidade para contratar em caráter precário, mas não conseguimos a pessoa.

V.: Por que?

L.: Não tinha gente no mercado, entendeu? As pessoas que, que tinham, os enfermeiros que tinham, todos estavam trabalhando na área hospitalar, e para ficar oito, vinte horas...pagando a universidade... sempre pagou mal, né. Teve um período muito ruim...igual está agora né.

V.: Continua, né. [risos]

L.: Então, ninguém queria correr o risco de passar de uma atividade de enfermeira para docente, né. Não queria correr o risco.

V.: Ainda mais numa situação precária, né?

L.: Precária, é. Então nós tínhamos muita dificuldade de conseguir gente no mercado, né. Eu mesmo, enquanto chefe de departamento, passei assim de disciplina que vai começar o mês que vêm, vai começar amanhã, depois de amanhã, hoje de tarde, e eu não tenho gente prá

poder... entendeu, pra poder; e a gente tentava, buscava em São Paulo. Depois eu fui prá São Paulo tentar, e foi na minha gestão no departamento que nós conseguimos contratar várias pessoas, que estão aqui até hoje, nestas condições. Aí, conclusão, tava tudo ok, já tinha tudo, tudo acertado no planejamento, né na universidade, quem seriam as pessoas. Tínhamos discutido está possibilidade, tudo ok, conversado com as pessoas...as pessoas, as enfermeiras tinham aceitado, né. E quando nós fomos levar o nome; aí, aí houve o impedimento. Quando nós fomos oficializar, teve impedimento da direção da escola. Uma pessoa não, não admitia que fosse contratada.

V.: Quem era?

L.: Uma pessoa, uma, uma aluna, uma...aluna assim...que seria aluna.

V.: Ex aluna?

L.: É, ex-aluna. Essa, jamais ela era permitida, se ela não entrar ninguém mais entra. Então na verdade, foi uma relação de poder entre a chefia de departamento e a chefia de... a direção da escola. Falei: “Se ela não entrar nós vamos mudar a estratégia se ela não, se não for possível entrar, ninguém mais entra.” Então ela falou: “Ela não entra.” Não entra, aí ela criou o maior caso, foi no planejamento, o planejamento criou, começou a criar uma série de caso na contratação, entendeu?

V.: Secretária de planejamento?

E.: ..da universidade...

L.: Da universidade, né. Aí falei: então a estratégia vai ter que ser outra. Então a estratégia, nós vamos contratar então pessoal...aí não ia contratar mais ninguém. E o curso estava para ser começado no mês seguinte. Aí falei: “Se a única forma, a única forma, é de colocar os alunos que já estão matriculados a pressionar a Reitoria”. Aí, os alunos foram para a reitoria, para pressionar a reitoria, elas já estavam matriculados, aí eu falei: “Aí, nós suspendemos o curso, não temos professores, é impossível dar o curso”. Porque eles, os alunos iam entrar, né. Eles iam entrar para assumir a graduação, enquanto os professores que estavam na graduação passariam para a...

E.: Habilitação.

L.: Habilitação em Enfermagem em Saúde Pública. Essa era a estratégia. Aí, como a direção da escola barrou, falou que essa pessoa, ela não entraria né, então inviabilizou, então diante disso foi começado todas as negociações...

V.: A diretora era a Yole (de Carvalho Mazzoni) nesse período?

L.S.: É, era. Todas as negociações, tá. E...diante disso aí por, não sei, se por coincidência tinha essas duas vagas, por coincidência apareceram, apareceram -foi isso mesmo- duas professoras de São Paulo, estavam vindo prá cá, duas enfermeiras, que foi a Marie [Azuma Rodrigues] e a Reiko [Kawamura]. Entenderam. Bateram na minha porta, na minha casa. Sabiam que eu era chefe do departamento, eu falei: “Tudo bem”, e fui conversar com elas. Por sorte elas, uma era da Faculdade Paulista de Medicina e a outra era da, da Universidade de São Paulo. E todas duas na área, de, de com experiência em Enfermagem em Saúde Pública. Aí que foi, que nós, que foi possível a gente começar a , a habilitação.

V.: E a pessoa, não foi admitida?

L.: Não, foi admitida. As outras gradativamente entraram, por concurso. Depois essa pessoa, ela fez o concurso, público para, prá, prá depois mais tarde, já quando tinha os três departamentos, ela entrou prá escola por concurso público, ficou um pouco mas depois, também saiu da escola, não quis ficar.

E.: E qual era a alegação, na época, da diretora de não aceitá-la?

L.: Essa pessoa, ela tinha uma liderança muito forte. E ela tinha uma representação universitária. Ela era membro da representação universitária. Então ela era “pedra no sapato” da direção da escola e do Reitor.

V.: Ahn!

L.: Então, ela teve um respaldo da, da reitoria; porque ela era “pedra no sapato do reitor”. Ela levantava o dedo no nariz do reitor. Entendeu?

V.: Ela era terrível?[risos].

L.: Aí sabe, aí ela, não foi possível, então nós mudamos a estratégia. A gente tinha, tinha uma direcionalidade. A gente sabia por onde queria caminhar dentro da enfermagem em saúde pública, então por isso que a gente buscava, e para poderem, sendo a saúde pública como ela sempre foi vista. A gente tinha que procurar colocar pessoas realmente...

V.: ...experientes...

L.:...fortes; entendeu? Por que se não...

V.: O fato da Yole ser da Obstetrícia e ser diretora, isso é que você acha que contribuiu para aquela dificuldade de abrir o curso de Saúde Pública?

L.: Não, não, não... Porque a Yole nesse período, a Yole, ela, ela não tinha um perfil, ela não tinha um perfil de, de enfermeira obstetra não, entendeu?

V.: Confundi ela com a Noemi.

L.: É. Ela não tinha um perfil. Porque a Yole foi professora da Enfermagem Obstetrícia, daquele curso lá... da (Escola de Enfermagem) Carlos Chagas lá... onde tem aquela outra escola.

V.: Certo.

L.: Tá, mas a Yole não tinha esse perfil, ela, ela dava Enfermagem Cirúrgica.

V.: Hum-hum.

L.: Tá. Ela não tinha esse perfil, ela não tinha nesse ponto, nesse ponto a Yole era muito...ela busca... procurava ser muito justa, muito justa em relação sabe? Era muito forte, a gente discuti...conversa...discutia muito com ela mas ela, ela procurava ser legal e não influenciava nisso não. Só nesse caso dessa, dessa contratação aí...

V.: ...que ela...

L.: É. Ela não falou categoricamente mas, ela mostrou que inclusive não tinha nenhum respaldo do reitor. Ela alegava, que não tinha nenhum respaldo do reitor, por isso...e colocava todas as questões que tinham acontecido.

V.: É, essa aluna foi muito rebelde, muito reivindicadora, né?

L.: É. Rebelde eu não sei, reivindicadora...

V.: Reivindicadora, brigava pelos direitos, né?

L.: É, também, ela foi uma aluna militante, entendeu?

V.: Bom, e o resto da Saúde Pública, e você foi a professora da Saúde Pública na habilitação, quando a habilitação terminou o que que aconteceu com a...

L.: Aí dentro da, da habilitação em Enfermagem em Saúde Pública, aí acho que tem vários momentos, né?

V.: Ah, sim.

L.: Dentro da própria enfermagem...

V.: ...enquanto habilitação.

L.: Né, enquanto habilitação, foi...foi a gente procurou desenvolver mas, a gente passou por várias reestruturações, reestruturações da habilitação. Ela teve um momento em que a gente tinha toda, toda a parte teórica e prática no centro de saúde, daqui (Belo Horizonte), depois ela passou por um momento em que...da habilitação ela continuou por vários períodos né, depois ela teve por um outro momento em que nós fomos para o interior, não é. E como a gente tava sempre voltada para as políticas de saúde e a gente tinha uma, uma ligação assim bem forte com o Ministério da Saúde. Porque, nos passamos por um momento de incorporar na habilitação um projeto próprio do Ministério da saúde, que, que foi a inserção de enfermeiro

no interior. Porque a gente atuava somente na, na em Belo Horizonte, aí diante desse projeto, esse projeto, ele buscava inserir o enfermeiro em municípios geralmente de médio porte, né. Porque a enfer... na verdade, porque a história da Enfermagem em Saúde pública ela começa com uma força total na história da enfermagem, né. Depois ela entra em decadência, né. Aí tem a acessão toda da enfermagem hospitalar. E na enfermagem de saúde pública... depois, dela ter um papel bem claro, aí ela se perde. Ela passa a ter uma atuação muito mais a nível intermediário e a nível central, né. A história da enfermagem na saúde pública, e aí então a gente buscava retomar isso daí. E volta a enfermagem em saúde pública para um nível local, né. E esse trabalho já estava sendo desenvolvido desde que eu fui para São Paulo, para fazer o quarto ano. Porque o que a gente buscava, era uma definição do papel do enfermeiro a nível local. E mas, que era difícil, porque a nível de serviço público não tinha nada estruturado e não tinha cargos. Então na verdade não existia mercado de trabalho, você formava o enfermeiro de Saúde Pública, ele saía preparado para atuar a nível local, porém ele ia trabalhar na área hospitalar, porque não tinha mercado de trabalho. O mercado de trabalho [barulho de água] eram as instituições públicas e não tinha, né, não tinha é, é vagas. Então... eu também aceito água, viu?

V.: [Risos]

L.: Aí obrigada... [risos]. Aí quando foi... Onde que eu parei?

V.: Não tinha política...de saúde pública.

L...: Ah, tá. Aí, aí vem toda a história. E esse período todo a gente estava todos na política da integração docente-assistencial né. E dentro da política de integração de docente-assistencial a gente já tinha estabelecido convênios, dentro da habilitação, nós já tínhamos estabelecido convênios com a Secretária Estadual de Saúde, e a gente já tinha tido a experiência do, do Centro Metropolitano em que nós tínhamos alunos da habilitação, que fazia a parte prática em centros de saúde, mas que eram bolsistas da Secretária de Saúde, né. Então, a gente vem, pela nossa linha, a gente vem sempre trabalhando com bolsistas né, sempre incorporando o enfermeiro... então, ele enquanto bolsista da Secretária da Saúde, atuando na área metropolitana. Aí a gente tenta avançar um pouco mais. Então, tenta entrar nesse projeto do, do Ministério da Saúde, e era um projeto que era o Ministério da Saúde e a OPAS, e que buscava é... eles estavam buscando um modelo de um indivíduo que fosse o intermediário, que atuasse no papel de supervisor entre o nível, entre o nível regional e o nível local. E eles queriam testar que achava que era pelo perfil do enfermeiro, era ele que respondia mais as necessidades. Porque na verdade, o que estava acontecendo com, com a saúde pública, é que

já havia depois do decreto 200, com toda a, a regeneração né. Então tinha o nível central da Secretaria Estadual já estava estruturado os regionais já estavam estruturados, eles estavam já buscando uma forma de estruturar o nível local. E dentro do nível regional eles tinham um sistema de supervisão, e que era uma supervisão polivalente. Então tinha vários profissionais da área de saúde e dependendo de quem indicava na época tinha de outras áreas também, tinha historiadores, sociólogos...

E.: Pessoal da [Faculdade de] Letras

L.: Da Letras, né. Aí dependia de quem tinha o QI mais forte, qual o deputado majoritário da região... [risos].

E.: Quem indicava?

L.: Quem indicava. Era o QI, quem indica, que prevalece. Toda essa política clientelista da década de quanto? Foi da década de setenta, né?. Aí vem toda, isso está incorporado em outro discurso da, da...da assistência primária à saúde, né. Toda, toda a reforma.

V.: Quer dizer, na verdade, a enfermagem é... participava tentando acompanhar e lutar por todas essas...

L.: Justamente, na saúde pública nos três níveis ela participava, tanto no nível local, como regional e como no nível central.

V.: Pois é, na luta é para definir as políticas de saúde a nível governamental.

L.: Quando eu falo dos três níveis, eu falo da Enfermagem em Saúde Pública da Escola de Enfermagem da Universidade.

V.: Sim, hum-hum. Pois é, eu quero dizer assim: a Escola de Enfermagem lutando para que o governo mudasse a política de saúde em relação à saúde pública?

L.: É, hum-hum. Então a gente, a gente incorporava todos os movimentos, a gente estava incorporada a todos os movimentos, né. Em todos os movimentos da saúde comunitária, né, da assistência primária à saúde, todos os movimentos. Aí bom, onde que eu parei?

V.: Interiorização?

L.: Interiorização. Aí veio então, a proposta do Ministério da Saúde, que era a gente trabalhar em oito municípios, e que o aluno ficaria, ele era aluno da escola e estava fazendo o quarto ano...

V.: Na habilitação.

L.: Habilitação. Aí a nossa... esqueci de falar um detalhe, quando nós reformamos a habilitação. Aí nós, naquele período que a gente, que nós tivemos habilitação de seis meses, aí

acabamos com a habilitação de seis meses e passamos a habilitação para um ano; por causa da Enfermagem Obstetrícia. Lembra que eu falei da história da Enfermagem Obstetrícia?

V.: Hum-hum.

L.: Porque era para igualar as habilitações, para obter o mesmo número de carga horária, aquela história toda. Só que a Enfermagem Obstetrícia também não saiu. Nós tínhamos, já tínhamos tido experiência, passamos para outra. Então era o que nós tínhamos, era o oitavo, era o nono e o décimo período, não é? E então diante disso aí, nós tínhamos, nós íamos colocar a gen...o décimo período dentro da habilitação é que nós, os alunos eram bolsistas da Secretária de Saúde, então o décimo período ele fazia praticamente em centro de saúde, na área metropolitana, né. Tinha em Nova Lima (MG), tinha em Sabará (MG), na área metropolitana. Aí a gente incorpora o modulo básico, incorpora o interior. Então a gente coloca os alunos e a proposta, a nossa a nossa experiência era de seis meses o aluno ficar na prática, no serviço de saúde. Já essa proposta, ele teria de ficar um ano lá. Então nós tínhamos que reformular um pouco, aí nós reformulamos, um pouco, começamos com essa outra experiência, que era de colocar o aluno do nono período também, entendeu? Então aí o que que nós passamos, nós passamos a fazer, a desenvolver o mesmo conteúdo programático para ele. Só que a gente tinha um roteiro e montamos pastas, em que a gente tinha na supervisão mensal que a gente dava para ele, a gente tinha um roteiro para discutir porque ele, ele não tinha aula teórica mais, entendeu?

V.: Já era experiência dele?

L.: Era experiência dele.

V.: Mais independente da Escola.

L.: No município mais independente. Então a gente, o que nós fizemos, nós privatizamos vários assuntos, dentro daquilo que era importante para ele, dentro do possível e muitos até aumentavam de acordo com a necessidade com a vivência deles. Porque eram municípios diferenciados né, tinha aluno em município de quatro mil habitantes e tinha aluno em município de quarenta mil habitantes e até mais, ta?

V.: Desses lugares do interior algum mais marcante?

L.: Aí esse, essa experiência foi de um ano, né. E com essa experiência, essa experiência ela foi acompanhada com o Ministério da Saúde e com a secretária da saúde, né. Então de acordo com essa experiência, aí que o Estado de Minas Gerais estava em discussão de aumentar os cargos, aí isso houve uma demanda dos municípios que tinham tido enfermeiros, de reivindicar enfermeiro para aquele local. A própria comunidade reivindicando o enfermeiro, e

o Estado de Minas Gerais, dentro da política de, de... recursos humanos do Estado de Minas Gerais, por foi na época de Juarez Tavares [como secretário de saúde], eles estavam reestruturando e haveria um concurso. Então foi aí que foi alocado o primeiro concurso, depois que eu entrei para o Estado, foi o primeiro concurso do Estado, que tinha um número bem significativo de enfermeiros nos níveis locais. Porque antes era só para a regional que tinha enfermeiros, tá.

V.: Hum-hum.

L.: Então é um outro marco prá gente, né? Que aí, já há uma abertura de um mercado de trabalho para os enfermeiros nos municípios do Estado de Minas Gerais.

V.: Como fruto desse trabalho da saúde pública, né.

L.: É, desse trabalho da saúde pública. Bom, acho melhor parar não?

V.: Você quem sabe [risos].

L.: Acho melhor. [inaudível].

[FINAL FITA 5 LADO A]

[FITA 5 LADO B NÃO FOI GRAVADO]

[FINAL DA ENTREVISTA]

FICHA TÉCNICA

Datas das Entrevistas: 24/01/1997, 30/01/199, 21/02/1997

Local: Escola de Enfermagem da UFMG

Número de Fitas: 05

Duração: cerca de 520 minutos

Entrevistadores: Valda da Penha Caldeira

Estelina Souto do Nascimento

Adriana Ferreira Pereira

Traços Biográficos e Sumário: Valda da Penha Caldeira

Conferência de Fidelidade: Sílvia Elisângela Silva Fernandes

Valda da Penha Caldeira